

LEITURA MÍTICA DE “OS SERVOS DA MORTE”

Thereza da C. A. Domingues *

O tempo se fecha nesta obra. O futuro está completamente vedado. Só resta o presente e, quando apenas o presente conta para um ser, quando ele já não pode abrir para o futuro, tudo é presidido pelo destino, pois a liberdade implica necessariamente possibilidade de futuro (XIRAU, 1979).

O universo de Adonias é fronteira entre realismo e fantástico. Sua narrativa assinala a presença constante do inconsciente pessoal e coletivo a nortear (desnortear?) a história das personagens. Há presente tensão entre as personagens umas com as outras e consigo mesmas, cindidas em diversas personalidades que se confrontam e pedem passagem.

Poucos romancistas abordaram o psiquismo humano com a acuidade de Adonias Filho. Compreende-se a atração que suas obras exercem sobre os estudiosos, incansáveis na perseguição de aprofundamento em seu inesgotável significado.

Afirma POZENATO: “é para uma experiência das origens que os romances de Adonias conduzem o leitor para onde o homem mede-se com a natureza brutal, onde “os deuses estão tão próximos que suas leis governam o destino dos homens e onde o corpo não se dissocia do espírito”.¹

Quanto a *Os servos da morte*², é bom lembrarmos que foi lançado em 1946, como primeiro romance do autor. Nessa obra, Adonias inovou a tessitura do romance no Brasil, como observa PÓLVORA: “Não apenas a sua forma de montar o romance, com aqueles prólogos que parecem resumir liricamente cada uma das partes, à feição dos proêmios da tragédia grega”; Adonias inovou também a temática, “a visão do mundo e dos seres” imprimindo aos caracteres um “determinado cego”. Sua obra é filiada à linha do gótico, do

* Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ). Professora aposentada da UFJF. Professora titular do Curso de Mestrado em Literatura Brasileira do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

¹ POZENATO, José Clemente. O índio interior de Adonias Filho. *Correio do Povo*, Porto Alegre, maio 1971. p. 5.

² ADONIAS FILHO. *Os servos da morte*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1979.

romantismo denso de origem anglo-saxônica, transplantado para um dos nossos ciclos regionais”.³

E, aí, está ligado Adonias a autores como Haggard, Hoffman e outros clássicos modernos, os quais Jung denominou de visionários, pela força arquetípica da imaginação criadora.

Vemos que a obra adoniana destaca-se por seu caráter singular, tanto na forma quanto no conteúdo. Embora uma de suas características seja a da interioridade psicológica das personagens, Pozenato, com argúcia, antevê que não apenas aí repousa a estranheza adoniana “não é o caso de se falar de interioridade psicológica” com a qual nos deparamos, continua o crítico: “ela é muito mais ampla e profunda aqui: é a intuição poética das raízes do ser”.⁴

1 As tragédias de Sófocles e a narrativa adoniana

O tema do Pai Terrível ou “Pai Devorador” está presente na mitologia grega, nas figuras de Urano, Cronos e Zeus, a respeito dos quais observa Murray Stein: “Todos os três são deuses, mas não apenas deuses comuns. São deuses dominantes, reis, governantes indisputados. Todos os três não são apenas pais, mas pais devoradores.”⁵

Embora Freud veja, na tragédia *Édipo-Rei*, o desejo do incesto, Bachofen a interpretou de maneira diferente, como uma releitura do mito original desses três deuses gregos.

Examinando a trilogia *Édipo Rei*, *Antígona* e *Édipo em Colono*, Bachofen conclui que a luta contra a autoridade paterna é seu tema principal e que as origens dessa luta datam do velho litígio entre os sistemas patriarcal e matriarcal na sociedade primitiva.

³ PÓLVORA, Hélio. “Os servos da morte” e a tragicidade deliberada de Adonias. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, mar. 1975. Livro J. B. (recorte sem indicação de página).

⁴ POZENATO, op. cit., p.5.

⁵ STEIN, Murray. O pai devorador. In: VITALE, A. et al. *Pais e mães*. Trad. Pedro Pentead Kujawski. São Paulo: Símbolo, 1979. p. 83-96.

Argumenta, ainda, Bachofen que, em *Édipo-Rei* e em *Antígona* os protagonistas “atacam uma ordem social e religiosa baseada nos poderes e privilégios do pai, representados por Laio e Creonte. Em *Édipo em Colono*, Édipo é implacável em seu ódio contra os filhos homens e os amaldiçoa, com palavras terríveis.

Em vista das três tragédias, “parece que a razão está com Bachofen”, como observa Junito BRANDÃO: “A hostilidade entre pai e filho que é o tema constante da trilogia de Sófocles, deve ser compreendida como um ataque contra o vitorioso sistema patriarcal, pelos representantes da derrotada ordem matriarcal”.⁶

Sabemos, hoje em dia, que uma interpretação não invalida a outra. Como obra aberta, as tragédias de Sófocles admitem tanto a interpretação freudiana quanto a de Bachofen e, ainda, outras, que se apresentem de forma inteiramente divergentes como, por exemplo, a de Foucault (1974).

Voltando a *Os servos da morte*: a nível transpessoal, podemos ver, aí, a luta impiedosa do Pai Terrível (Paulino) contra o representante da Mãe Terrível (Ângelo).

Há outra característica presente no mito do Pai Devorador: toda mudança advém do ato revolucionário do filho. “O **Puer** salta para o alto e puxa para baixo o **senex**. Um dos filhos de Urano liberta-se e castra o pai”⁷. Foi o que aconteceu quando Ângelo, já adulto, e impulsionado por seu inconsciente (sonhos), começa a exigir explicações de Paulino Duarte. A elevação de Ângelo (**puer**) acarreta uma queda do pai (**senex**).

Em seu novo papel, Ângelo será o responsável pela instalação definitiva da cegueira (castração) que há muitos anos ameaçava Paulino Duarte.

Comentando o mito de Urano, Murray STEIN argumenta: “Freud colocou o medo da castração no filho. Nosso mito o colocaria mais propriamente no pai: o pai, não o filho, é

⁶ BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego*: tragédia e comédia. Petrópolis: Vozes, 1984. p.48.

⁷ STEIN, op. cit., p. 90.

vítima da castração, Se o perigo para o filho é repressão e aprisionamento, a ameaça para o pai é a castração”.⁸

2 As tragédias de Ésquilo e a narrativa adoniana

Retomemos a questão do assassinio de Paulino e suas implicações: O assassinio aconteceu sem merecer a menor reação de qualquer dos outros filhos contra Ângelo, como se a morte do pai fosse esperada e desejada por todos eles, o que pode ser entendido se nos lembrarmos de que os outros filhos, que não haviam tido a oportunidade de constelar positivamente o dinamismo matriarcal, devido à interdição doentia de Paulino Duarte, que os proibia até mesmo de pronunciarem o nome da mãe morta, sentiram alívio com a morte do velho pai, pois, intimamente, o desejo de vingar a mãe estava resolvido também para eles.

Se a morte de Paulino, por um lado, restabeleceu o equilíbrio matriarcal, por outro, instaurou um profundo desequilíbrio do dinamismo patriarcal. Para que o equilíbrio fosse restabelecido, era necessário que a morte do pai fosse vingada, de alguma forma.

E, aqui, para melhor compreensão do que aconteceu com Paulino e Elisinha, é necessário abriremos um parêntese e nos reportamos às noções de **guénos** e à estrutura trágica da *Oréstia*, que é a Trilogia de Ésquilo, compreendendo as tragédias *Agamêmnon*, *Coeforas*, *Eumênides*. **Guénos** é uma noção própria dos gregos e significa “Um grupo unido pelos laços de sangue (**personas sanguinae coniunctae**) em que todos e cada um individualmente são sempre co-responsáveis pelo agir do outro. A falta de um recai sobre todos”.⁹

Na tragédia clássica grega tomemos, como exemplo, o **guénos** dos átridas, cuja maldição é representada na *Oréstia* de Ésquilo. Nós a veremos sob o prisma de Bachofen, para o qual a trilogia esquiliana é: “A representação simbólica de uma luta entre as deusas-

⁸ Ibidem.

⁹ BRANDÃO, op. cit., p. 29.

mães ctonianas e os deuses “novos” do Olimpo. Um combate dialético entre a terra e o céu, entre o Hades e o Olimpo, entre as Erínias e Apolo, coadjuvado por Atená. Entre as trevas e a luz. Entre o **Éros** [matriarcado] e o **Logos** [patriarcado]”.¹⁰

Em suma, nessa trilogia, Ésquilo representava uma luta entre aquelas polaridades, como veremos.

Na peça *Agamênon*, primeira da trilogia esquiliana, Clitemnestra, esposa de Agamênon, assassinou o marido porque ele sacrificara aos deuses, Ifigênia, uma das filhas do casal¹¹. Amargurada, Clitemnestra mata o esposo, para vingar seu próprio sangue derramado, o sangue materno, na pessoa de sua filha Ifigênia. Entretanto, é perdoada pelas Erínias, deusas matriarcais, porque a mulher não está unida ao marido pelo **ius sanguinis**. Aquelas deusas matriarcais só reconheciam os vínculos de sangue pela ascendência materna. Por essa razão, elas não perseguiram Clitemnestra. Porém, do ponto de vista do patriarcado, a rainha cometera um crime abominável, devido não somente à posição jurídica e religiosa superior que o patriarcado confere ao homem, mas porque Agamenon, ao sacrificar a filha, agira de acordo com as exigências patriarcais, cumprindo seu dever de general responsável pela vitória de seu exército.

Nas *Coéforas*, segunda peça da trilogia, o Coro incita Orestes a vingar a morte paterna: “CORO – Quando se trata de um pai, a quem se deve a vida, a lamentação dos filhos o persegue, irresistível”¹².

As razões do direito patriarcal são bem claras na terceira peça da trilogia, *Eumênides*, na qual, por ordem expressa de Apolo, Orestes, apoiado pelo Coro e por sua irmã, Electra, todos defensores do patriarcado, mata sua mãe, Clitemnestra.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Segundo algumas versões do mito. Ifigênia não morre no altar do sacrifício, a deusa Artemis a substitui por uma corça e a arrebatou para o seu templo. Vejam-se a respeito as tragédias *Ifigênia em Aulis* e *Ifigênia em Táuris*, de Eurípides.

¹² ÉSQUILO. *Oréstia*. Trad. de Maria da Eucaristia Danielou. Rio de Janeiro: Associação Universitária Santa Úrsula, 1975.

Depois do matricídio, a discussão da peça gira, sem dúvida alguma, em torno dos princípios da religião patriarcal e matriarcal. Para as Erínias, só existe um laço sagrado que é o de mãe-filho e, portanto, o matricídio é crime imperdoável. Para os deuses novos, Apolo e Atená, ao contrário, o amor e respeito do filho pelo pai é o dever supremo: não o matricídio, mas o parricídio é o crime imperdoável.

Nessa peça da trilogia, a discussão passa do plano humano para o divino; será encetada uma luta entre deuses. De um lado, o patriarcado (Apolo e Atená), de outro, o matriarcado (com as Erínias). Na acusação e defesa, as Erínias, representantes da Terra, e, portanto, das antigas Deusas Mães, perseguem Orestes e exigem sua punição. Apolo e Atená, deuses novos, representantes da religião patriarcal, olímpica, celeste, ficam ao lado do réu.

No diálogo entre o Corifeu das Erínias e Orestes, há um momento culminante, quando Orestes, sofrendo a perseguição das Erínias por seu crime, acusa as deusas de não terem tido o mesmo procedimento em relação a Clitemnestra: ‘ORESTES – Será que, enquanto ela vivia a perseguistes? / CORIFEU - Não, porque não era do sangue da vítima’.¹³

Diante da justificativa das deusas matriarcais, Orestes coloca a questão que, até aquele momento, nunca fora levantada: “E eu seria, por acaso, do sangue de minha mãe?”¹⁴

O horror manifestado pelo Corifeu das Erínias demonstra em que argumento se baseava o matriarcado: ‘CORIFEU – Que pergunta! Não foi ela, assassino, que te alimentou em seu seio? Renegas o dulcíssimo sangue materno?’¹⁵.

A pergunta cruel de Orestes e a resposta do Coro configuram com clareza as razões dos dois direitos antagônicos: “Para o matriarcado o pai, seja ele qual for, deposita a semente no seio da mulher, como o lavrador anônimo a coloca no seio da terra; para o patriarcado, a

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

mãe, como a terra, é apenas a depositária do germe semeado: o grande responsável pela germinação é o pai”.¹⁶

É isto que Apolo declara, quando intervém em defesa de Orestes: APOLO - Não é a mãe quem gera aquele que é chamado seu filho: ela somente alimentou o germe nela semeado. Gera quem semeia. Ela, como uma estranha, salvaguarda o rebentinho, se um deus não vem a prejudicá-lo.¹⁷

E usa o argumento supremo a favor do patriarcado: APOLO – vou te dar uma prova de que pode haver pai sem mãe. Disso, perto de nós temos uma testemunha: a filha de Zeus Olímpico, a qual não foi formada nas sombras de um seio materno.¹⁸

O nascimento de Atená, das meninges de Zeus, é o argumento definitivo de que pode haver geração apenas com a fecundação, contrariando o que propunham as Erínias, que reconheciam apenas o direito da matéria e do sangue que o filho recebe de sua mãe.

Um direito novo estava surgindo para derrotar uma lei muito antiga. Os juízes, tendo sido esclarecidos sobre as razões dos dois princípios, são convidados pela deusa Atená a tomarem a decisão. Entretanto, Atená declara-se, de antemão, a favor do varão, colocando-se francamente ao lado do patriarcado:

ATENÁ – É a mim que pertence a última decisão: Juntarei meu sufrágio aos que são a favor de Orestes. Não tive mãe que me desse à luz. Minha simpatia vai para o varão [...] Sou inteiramente pelo pai. Não levarei em conta a morte de uma mulher que matou o esposo, guardião de seu lar¹⁹.

Para Bachofen, em nenhuma outra obra literária surge, com tanta clareza como na *Oréstia*, a visão de um período tão antigo, que Ésquilo fez reviver com tanta emoção. E conclui que a trilogia esquiliana representa/simboliza o triunfo do patriarcado sobre o

¹⁶ BRANDÃO, op. cit., p. 32.

¹⁷ ÉSQUILO, op. cit., p. 89.

¹⁸ Ibidem

¹⁹ Ibidem, p. 21.

matriarcado. Absolvendo Orestes, o tribunal dos deuses proclamara que ele era filho de Agamênon antes de sê-lo de Clitemnestra.

Afirma, com razão, Oswald ANDRADE: “Não quer isto dizer que o patriarcado tivesse sido uma invenção grega, mas foram os gregos, através de Ésquilo, que, definitivamente, fixaram literariamente as transformações da era matriarcal para a do poder paterno”.²⁰

Vemos que na *Oréstia* há uma sucessão de vinganças realizadas dentro de um mesmo **guénos**, ora sob a motivação matriarcal, ora do ponto de vista patriarcal.

Voltemos ao romance adoniano, no qual vemos uma estrutura análoga à da trilogia esquiliana, como foi interpretada por Bachofen. Em nome de seus sentimentos maternos feridos, Ângelo matou o pai putativo, cumprindo o que considerava sua missão, isto é, a tarefa de vingar o sofrimento de sua mãe. Simbolicamente, tanto do ponto de vista matriarcal quanto patriarcal, ele não podia ser condenado; pois, para o matriarcado, ele só não deveria matar a mãe ou alguém de seu sangue e, para o patriarcado, ele só não deveria matar o pai. Ângelo vingara a mãe, matando Paulino, que não era o seu pai carnal.

Mas para os filhos verdadeiros (carnais) de Paulino, a questão era diferente. A lei do **guénos** exigia que a morte do pai fosse vingada, pois em Adonias, “como na tragédia grega, há uma ordem do universo que o homem não pode afrontar sem sofrer o destino trágico”²¹.

É importante esclarecer que, pela lei natural, os membros do **guénos**:

Recebem, justamente com o sangue, uma competência implícita, um programa virtual que devem atualizar. No desempenho, realizam uma série de atos, diferentes na aparência, mas essencialmente os mesmos, pois decorrem de um só projeto existente em potencial e que constitui a marca própria da sua *guénos*²².

²⁰ ANDRADE, Oswald. *Do pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p.203.

²¹ POZENATO, op. cit., p. 5.

²² PANDOLFO, Maria do Carmo. *Ser ou não-ser Antígona*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980.

Na presente narrativa, parece-nos possível afirmar tal virtualidade como um movimento irresistível de combate ao feminino (e ao matriarcado) no seio daquela família, dominada pela Sombra do patriarcado. Não haverá vingança contra Ângelo, pois, pela lei natural, do **guénos**, ele agira justamente e não lhe poderia ser cobrado crime algum. Mas a morte do pai teria que ser cobrada de alguma forma e quem recebeu tal incumbência foi Rodrigo, o primogênito dos Duarte.

Simbolicamente, portanto, o crime que Rodrigo queria realizar, capaz de “envergonhar a humanidade”, era o assassinato da mãe, representada na menina que portava o nome dela. O assassinato da menina Elisa vem como prova cabal desse “programa virtual” da família. Para o patriarcado, não havia crime quando a mãe era assassinada para vingar a morte do pai, porque não há laço de sangue entre o filho e a mãe, pois o pai, que faz germinar a criança, é seu dono. A mulher é somente o vaso, a matriz.

Do seu ponto de vista doentio, Rodrigo teve ainda muitos outros motivos (pessoais e transpessoais) para cometer o crime: o desejo de ver cumprida a vontade paterna, que não queria mulheres na Baluarte, o horror que lhe provocava qualquer criança recém-nascida, depois que, em menino, assistira ao parto da mãe, provocando a morte dela, mas havia, sobretudo, a motivação transpessoal de executor da missão de vingança de seu **guenos**.

Conclusão

Notemos que a arte de Adonias ajuda nossa tarefa, pois não tem qualquer compromisso com o belo tradicional ou com o prazer dos sentidos. É uma arte feita para produzir inquietações e desespero, conseguindo traduzir elementos universais e profundos do inconsciente humano. Quanto mais pungente a trama, mais se torna premente de situações básicas (arquetípicas) do inconsciente coletivo.

Os servos da morte dialoga como vimos, com a tragédia grega, especialmente com a *Oréstia* e com *Édipo-Rei*. Mas é, também, um primeiro passo numa sequência de livros do Autor que, explícita ou implicitamente, têm, a nosso ver, o mesmo tema deste – a luta surda e feroz que se travou nos rincões do Sul da Bahia, nas “terras do sem fim”, entre matriarcado e patriarcado, nos começos da cultura cacauieira.

Ao analisar o romance *Os servos da morte*, ficamos seduzida pelo mundo primitivo que nele se apresenta e constatamos que o abismo da psique das personagens chega a dimensões muito profundas. Ao verificar que estávamos diante de uma obra de tal natureza, não nos restou senão olhá-la à luz da mitologia grega e das tragédias de Ésquilo e Sófocles.

Com os crimes cometidos contra o patriarcado e o matriarcado, a comunidade aniquilou-se. Que significa isso? Que uma sociedade em que o homem e a mulher não se reconheçam um ao outro com seus valores está destinada a morrer. Daí que, com razão, Carlos Byington ²³ antevê e postula, como solução para esse antagonismo, o ciclo de alteridade, em que se daria um encontro igualitário entre patriarcado e matriarcado, surgindo, daí, uma nova era para a humanidade.

²³ BYINGTON, Carlo s. **Junguiana**, Rio Janeiro, n. 5, p. 79-126, 1987.